

A COVID-19 E A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

Governança, IES, docentes e estudantes

ENSINO SUPERIOR • jan/fev/mar e abr/mai/jun 2020

O surto de Covid-19 motivou o encerramento ou o condicionamento do acesso a escolas e outros serviços. **A educação a distância tem sido vista como uma solução para implementação dos processos de ensino e aprendizagem.** Uma solução que veio para ficar. Com mais ou menos combinação entre o presencial e o a distância. Esta é uma realidade com a qual teremos de conviver, pelo menos durante os próximos tempos.

Numa altura em que nos afogamos entre informação e desinformação sobre o que significa o ensino a distância, a palavra de ordem é desmistificar e não tornar mais difícil este complexo momento em que todos vivemos, sem qualquer antevisão ou tempo de preparação prévia. **O termo ensino a distância deve dar lugar ao ensino online, em rede, de**

proximidade. Engloba um paradigma ancorado em conceitos multimodais (modo síncrono e assíncrono), multilineares (pelo recurso ao hipertexto) e flexíveis (tempo e lugar). Esta definição encerra em si a necessária inovação pedagógica que exige a reflexão disruptiva e crítica sobre as práticas tradicionais no sentido da redefinição das estruturas comunicacionais entre os intervenientes nos processos de educação formal, não-formal e informal.

Não existe uma solução única para a criação de ambientes de aprendizagem *online*. A polifonia discursiva em que se reveste o pensamento sistémico da educação, inviabiliza, naturalmente, soluções de encaixes perfeitos ou exclusões radicais. O mais importante é procurar refletir sobre as formas de



PAULA PERES

COORDENADORA
DO EIPP
(Unidade de
e-Learning e Inovação
Pedagógica do
Politécnico do Porto).

DOCENTE DO ISCAP
(Politécnico do Porto)



promover as aprendizagens num espaço digital, que resultam de interações cognitivas *online*, nos vários momentos do processo de ensino e aprendizagem. Importa refletir sobre os primeiros acessos aos ambientes de formação, para a motivação e acolhimento, aos momentos de informação e teorização, de prática e experiência, de transferência de conhecimento e desenvolvimento de projetos ou de criação de redes de conhecimento.

Cada experiência de aprendizagem *online* tem o seu espaço síncrono ou assíncrono. A sua arquitetura dependerá de vários fatores contextuais. Cabe aos gestores, docentes, diretores de curso e estudantes escolher, tendo como foco o mais nobre dos objetivos – a aprendizagem significativa, enriquecedora,

memorável e agradável. Trata-se da construção de cenários de aprendizagem capazes de responder às atuais exigências de uma educação superior *online*, com o foco no estudante, na comunidade e no ambiente das relações comunicacionais. Um ambiente sem fronteiras curriculares fixas, capazes de acomodar os espaços informais e não-formais de pensamento coletivo, numa relação de autonomia intelectual e de estruturas cognitivas.

O resultado esperado reflete-se numa arquitetura de suporte à aprendizagem, moldada por redes digitais e compostas por milhares e milhares de modos de conhecimento intrínsecos a cada interveniente, docentes, estudantes e sociedade em rede.

Os ambientes de educação *online* atuam em diferentes territórios e modo de estar e, por isso, requerem mudanças na conceção e nas práticas de educação digital em Portugal.

Desde logo, importa que todos os intervenientes possuam conhecimentos adequados sobre as tecnologias educativas e considerem a resposta positiva de um sistema administrativo e de gestão que permita a sua implementação e sustentabilidade. Não obstante, importa sublinhar que **a tecnologia sozinha não muda a prática escolar** e que, por isso, a ênfase não lhe recai. É necessário pensar a tecnologia como um instrumento promotor da aprendizagem. O foco deverá ser nas condições contextuais que afetam a apropriação tecnológica, procurando encontrar formas de realizar um significativo incremento na qualidade da educação.

Assim, para maximizar os benefícios do ensino e aprendizagem *online* é necessário, mais do que nunca, alterar a forma como se pensa a educação. Numa mudança paradigmática que exige, muitas vezes, o rompimento de hábitos e comportamentos até outrora considerados inabaláveis.

A criação de planos estratégicos, para apoiar a renovação das Instituições de Ensino Superior, torna-se essencial. Trata-se da necessária alteração no modelo funcional e organizacional, administrativo e metodológico das Instituições de Ensino Superior. **Urge a importância da criação de princípios orientadores** para instituições, docentes e estudantes no domínio pedagógico, tecnológico, social e de gestão, livre de um sistema implantado e herdado de um tempo secular. ▶



Todas estas questões fluem em paralelo, com a indispensável **garantia de sustentabilidade das Instituições de Ensino Superior**.

A rigidez imposta por um século de aprendizagem magistral mede forças com a flexibilidade necessária dos formatos de ensino e aprendizagem *online*. Esta visão implica a **flexibilização na gestão dos recursos humanos** e a criação de centros de gestão de conhecimento com geometrias, saberes e dimensões variáveis.

A **atualização pedagógica dos docentes** é uma necessidade estrutural. O papel do docente no processo de ensino e aprendizagem *online* desenha-se, essencialmente, em torno dos “três Ms” (Motivar, Mediar e Medir). Este papel implica a capacidade para a interligação de contextos, moldados em espaços digitais e a criação de pontes nos relacionamentos conducentes a um desenvolvimento da aprendizagem conceptual e prática, de investigação e aplicação. Implica ainda, a capacidade para o estabelecimento de laços entre a Cultura e a Ciência, com foco nos resultados da aprendizagem (*learning outcomes*) que guiam o desenho semiestruturado dos currículos, numa aceitação dos princípios de pensamento global e da complexidade das relações sociais e cognitivas *online*.

A prioridade no aprender a pensar e pesquisar sobre a própria aquisição de conhecimento, deixando que os processos cognitivos dos estudantes se desenvolvam fora das normas de receituário em que a memorização prevalece.

Neste contexto, importa ainda **responsabilizar os estudantes** das Instituições de Ensino Superior pela sua própria aprendizagem, e pela capacidade de se envolverem nos processos de autoformação, e de criação dos seus planos, ambientes e redes pessoais de aprendizagem.

Trabalhar em ambientes digitais implica **transformar as paredes em redes** nas situações comunicativas discursivas ou cognitivas, implica aceitar o diferente, aprender

com ele, respeitar o singular, sem se deixar dominar, à partida, por outras lógicas. Implica acomodar a construção de saberes em contextos de práticas sociais e culturais diversos, numa rede de relações de pensamento entre pessoas e artefactos.

Urge o **repensar dos padrões tradicionais** de ensino! É preciso oferecer infraestruturas de suporte aos ambientes de aprendizagem *online*, oferecer o apoio técnico, científico e pedagógico aos docentes e estudantes. Importa, ainda, impulsionar a alteração dos diálogos, refletir sobre as atuais práticas e resultados das aprendizagens. Promover uma cultura de colaboração, de partilha e de rede é quase uma imposição. É na urgência deste contexto que se vislumbra, por vezes,

a necessidade de adaptar currículos, objetivos, materiais pedagógicos, metodologias, políticas de avaliação dos docentes e dos estudantes, e também a própria cultura das Instituições de Ensino Superior!

Consequentemente, esta conjuntura deverá resultar na criação de estruturas que respon-

dam às necessidades de **aprendizagem ao longo da vida**.

As necessárias mudanças organizacionais são muitas vezes dolorosas e implicam enormes desafios institucionais de adaptação, de inovação, de alterações estruturais, de flexibilidade, de enquadramento e de liderança. Sem essas mudanças, as tecnologias serão usadas apenas para facilitar práticas tradicionais, resultando num incremento de valor residual no que concerne à qualidade da formação oferecida.

Nem sempre o caminho mais rápido é o mais eficaz, devemos reconhecer as pedras que muitas vezes nos fazem parar ou mesmo recuar para que seu polimento facilite o progresso e amplie o território que é conquistado. É nesta nova era de conquista de espaços de educação *online*, que, mais do que nunca,

*Esta emergência da
educação digital
poderá ser o primeiro
passo para as soluções
vindouras, mais
amadurecidas e
refletidas.*



devem ser considerados os modelos de ensino e aprendizagem guiados pelos resultados da aprendizagem.

Este é um cenário desejável, mas que ainda não representa a totalidade das soluções atualmente implementadas e já por muitos apelidadas como o ensino *online* de emergência. **Esta emergência da educação digital poderá ser o primeiro passo para as soluções vindouras, mais amadurecidas e refletidas.** É possível que as Instituições de Ensino Superior deixem de se preocupar tanto com a gestão de espaços físicos para a implementação dos processos de aprendizagem presencial e passem a concentrar a sua atenção na gestão da educação e dos processos de suporte administrativo *online*. Refletir e aprender com as experiências deve fazer parte do percurso de cada um, num caminho para a qualidade do ensino *online* e maturidade institucional face aos processos de aprendizagem mistos, onde o presencial e o a distância se equilibram. Compreendendo que o ensino *online* é muito mais do que a aprendizagem com base em tecnologias digitais, não pode faltar em toda esta equação a visão de uma sociedade global que exige a abertura da escola a um espaço em rede de colaboração cognitiva e social.

A habilidade ou inabilidade de as sociedades educacionais reponderem a estes desafios da educação em rede influi no seu destino. Não se pode permitir que o excesso de *bits* massifique as diversidades culturais e individuais, mas sim encontrar formas de explorar todo o seu potencial de transformação e de criação de conhecimento em espaços sem fronteiras. Espaços geradores de

experiências de aprendizagem únicas que resultam de novas relações sociais em que cada ator é simultaneamente consumidor e produtor de informação.

O que outrora se delineava em breves traços é hoje uma realidade imposta, a que todos os intervenientes nos processos de ensino e aprendizagem terão de se adaptar. Os que gostam e os que não gostam, os que estão motivados e os que não estão motivados, os que têm formação e os que não têm formação.

Para um futuro mais próximo do que o previamente esperado, impulsionado por uma pandemia que não espera pelo nosso tempo de adaptação, é necessário agir! Esta ação exige uma quase refundação das Instituições de Ensino Superior. A educação *online* não é um subsistema pelo que exige qualidade e confiança. Esta reflexão impõe mudanças, transformações, ou até mesmo, rupturas paradigmáticas na relação dos espaços e dos contextos de aprendizagem.

Em suma, muitos são os desafios que a educação superior enfrenta. Dos governos espera-se a libertação dos espaços de pensamento legitimados na esfera de dogmas oficiais, das Instituições de Ensino Superior espera-se o pensamento transfigurante dos currículos, numa superação da replicação de saberes, dos docentes a criação de inovações pedagógicas por meio de diálogos possíveis de operacionalizar à escala global, dos estudantes espera-se o envolvimento e a autonomia.

Vamos sobreviver? Sim, se formos capazes de aprender com as experiências vividas e com as boas práticas existentes, procurando soluções em conjunto, numa luta que é de todos. •